



AGROECOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO

Luciano Majolo¹; Élide Barbosa Correa¹

¹Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); e-mail: majolo.agroecologia@gmail.com

RESUMO

A pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) deflagrou uma crise sanitária mundial que afetou as estruturas econômicas e sociais de praticamente todos os países. Junto a isso evidenciou-se uma série de vulnerabilidades do sistema agroalimentar mundial, da produção à comercialização e ao consumo. Os circuitos curtos de comercialização quando desenvolvidos no contexto da Agroecologia são capazes de oferecer soluções para muitos desses problemas, construindo e fortalecendo os processos regionais e ajudando a criar soluções contextualizadas para problemas locais. Durante a pandemia da Covid-19 ficaram mais evidentes as vulnerabilidades das cadeias longas de produção e distribuição de alimentos, verificando-se a necessidade de desenvolver-se novos modelos de comercialização que garantam segurança alimentar para a população em momentos de crise. Desta forma o presente estudo visa fazer uma breve revisão bibliográfica sobre o conceito dos circuitos curtos de comercialização na perspectiva da Agroecologia, apresentando suas potencialidades no atual contexto de pandemia da Covid-19.

Palavras-Chaves: Covid-19; Alimentação; Sustentabilidade.

ABSTRACT

The pandemic caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2) triggered a global health crisis that affected the economic and social structures of virtually all countries. Along with this, a series of vulnerabilities in the global agri-food system were highlighted, from production to marketing and consumption. Short circuits of commercialization when developed in the context of Agroecology are able to offer solutions to many of these problems, building and strengthening regional processes and helping to create contextualized solutions to local problems. During the Covid-19 pandemic, the vulnerabilities of the long food production and distribution chains became more evident, verifying the need to develop new marketing models that guarantee food security for the population in times of crisis. In this way, the present study aims to make a brief bibliographic review on the concept of short marketing circuits from

the perspective of Agroecology, presenting its potential in the current context of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Covid-19; Food; Sustainability.

1 Introdução

A pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) deflagrou uma crise sanitária mundial que afetou as estruturas econômicas e sociais de praticamente todos os países. Iniciada na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019, a pandemia da Covid-19 logo se espalhou pelo mundo, apresentando novos desafios à sociedade contemporânea.

A impossibilidade de compras presenciais devido às medidas preventivas à Covid-19 (OMS, 2021) evidenciaram novos hábitos de consumo na sociedade, obtendo destaque o comércio *on-line* de alimentos (Dannenber *et al.*, 2020). A busca por uma alimentação mais saudável também se destacou, observando-se um aumento no consumo de produtos orgânicos (Globo Rural, 2020; OTA, 2020; Portal do Agronegócio, 2020). Segundo dados do Globo Rural (2020), a venda por *delivery* cresceu muito durante a pandemia e foi fundamental para garantir a comercialização dos produtos orgânicos e a renda desses agricultores.

Para Gliessman (2020) a Agroecologia, como uma ciência, uma práxis e um movimento social, possui um papel fundamental no atual contexto de pandemia, visto que garante o acesso local aos alimentos em um curto prazo, bem como impulsiona os movimentos sociais e políticos para mudanças nas políticas de longo prazo. Altieri e Nicholls (2020) enfatizam que em um mundo ameaçado pela pandemia de coronavírus, a Agroecologia possui o potencial de produzir localmente grande parte dos alimentos necessários para as comunidades rurais e urbanas, estabelecendo saúde, sustentabilidade e resiliência socioecológica.

Os circuitos curtos de comercialização (CCC) se caracterizam pela comercialização local dos alimentos, fortalecendo a relação direta entre os produtores e consumidores. A Agroecologia se utiliza dos CCC como uma forma de implementar processos mais autônomos de produção, comercialização e consumo de alimentos, fortalecendo os vínculos entre produtores e consumidores (Guzmán *et al.*, 2012).

Desta forma, o presente estudo visa fazer uma breve revisão bibliográfica sobre o conceito dos circuitos curtos de comercialização na perspectiva da Agroecologia, apresentando suas potencialidades no atual contexto de pandemia da Covid-19.

2 Métodos

A revisão bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2017) foi desenvolvida com base em artigos de diferentes periódicos, anais de congressos, conferências, teses, dissertações, relatórios, livros e monografias publicados em diferentes bibliotecas eletrônicas, base de dados virtuais e ferramentas de pesquisa *on-line* de publicações científicas.

3 Resultados e Discussão

Antes de abordarmos os circuitos curtos de comercialização é necessário fazer um breve histórico de como a produção e a comercialização de alimentos tem evoluído nas últimas décadas. Com o final da II Guerra Mundial, quando o complexo industrial petroquímico e mecânico se tornou ocioso, sua atenção se voltou para a agricultura, surgindo assim a chamada Revolução Verde. Marcada pela expansão das fronteiras agrícolas, intensificação da mecanização na agricultura, produção em monoculturas, consumo de fertilizantes industrializados e agrotóxicos, buscando a otimização do lucro e da produtividade agrícola em um curto prazo, essa revolução marcou o início da chamada agricultura “moderna” (Costa, 2017).

Segundo Altieri (2010), a Revolução Verde produziu benefícios extremamente desiguais, visto que privilegiou os agricultores mais ricos, que controlam o capital e as terras férteis em detrimento daqueles mais pobres e com menos recursos, devido à dependência criada em relação aos insumos caros e às variedades de plantas patenteadas. Além disso, essa revolução contribuiu para agravar os danos ao meio ambiente, como a erosão dos solos, desertificação, poluição por agrotóxicos e perdas drásticas do conhecimento tradicional e da biodiversidade (Redclift; Goodman, 1991).

A partir de então a agricultura passou a moldar-se tendo em vista a maximização da produtividade e adequação à competitividade do mercado mundial, direcionando-se para a produção de *commodities*, produtos homogêneos, de comercialização global e que seguem preços padronizados (Viegas, 2016). Visto como uma *commodity*, o alimento passou a percorrer longas distâncias, dando origem a formas de comercialização que desvincularam o consumo da produção, perdendo-se a informação sobre a origem dos alimentos e do seu modo de produção, onde a determinação de preços é o único vínculo que se mantém entre o agricultor e o consumidor (Roberts, 2009).

Buscando preencher essas lacunas deixadas pelo sistema convencional de produção e tentando “descomoditizar” os alimentos, conectando produtores e consumidores através da lógica de proximidade e localidade, os circuitos curtos de comercialização (CCC) emergiram trazendo a preocupação com as economias locais, por meio de relações de comércio mais justas e éticas (Souza *et al.*, 2020).

Segundo Marsden *et al.* (2000), os CCC possuem a capacidade de ressocializar ou redistribuir os

alimentos, permitindo assim que o consumidor faça julgamentos de valor e escolha dos alimentos com base em seu próprio conhecimento, experiência ou imagens percebidas. Segundo os autores, as cadeias de suprimentos curtas são expressões de iniciativas de produtores e consumidores para criar novos tipos de oferta e demanda, dando ênfase aos relacionamentos entre si, construindo novos valores e significados que transcendem apenas a compra e venda dos produtos.

Guzmán *et al.* (2012) enfatizam que a definição dos CCC está diretamente ligada às relações de poder dentro do sistema agroalimentar, que deve favorecer simultaneamente os produtores de alimentos (agricultores, pecuaristas, pequenos produtores vinculados à terra) e os consumidores, diminuindo a influência de possíveis intermediários.

Apesar de no Brasil ainda não existir uma definição oficial sobre os CCC, segundo Darolt *et al.* (2013) na França o conceito é utilizado para caracterizar circuitos de comercialização que envolvam no máximo um intermediário entre o produtor e o consumidor, assim como uma distância de até 80 km. Os autores distinguem dois casos de CCC: por venda direta, quando há uma relação direta entre os produtores e consumidores; e por venda indireta, quando existe um único intermediário, que pode ser outro produtor, uma cooperativa, uma associação, uma loja especializada, um restaurante ou até um pequeno mercado local.

Para Marsden *et al.* (2000) os CCC podem ser divididos em três tipos: (i) face a face, quando o consumidor efetua uma compra direta do produtor baseada em uma relação de confiança; (ii) proximidade espacial, quando os produtos são vendidos na região ou local de produção e os consumidores são informados sobre a procedência local dos produtos no ponto de venda; e (iii) espacialmente estendido, onde informações carregadas de valor e significado sobre o local de produção e daqueles que produzem os alimentos são transmitidas para consumidores que estão fora da própria região de produção e que podem não ter experiência pessoal dessa região.

A pandemia da Covid-19 evidenciou uma série de vulnerabilidades do sistema alimentar mundial, da produção à comercialização e ao consumo. Os CCC quando desenvolvidos no contexto da Agroecologia são capazes de oferecer soluções para muitos desses problemas, construindo e fortalecendo os processos regionais e ajudando a desenvolver soluções contextualizadas para problemas locais (Gliessman, 2020). De acordo com o autor, a Agroecologia possui um foco explícito nas dimensões sociais e econômicas dos sistemas alimentares, colocando ênfase na soberania alimentar e garantindo sustentabilidade e resiliência para todo o sistema alimentar.

Altieri e Nicholls (2020) reforçam que a pandemia de coronavírus expôs a fragilidade do sistema

alimentar globalizado com consequências devastadoras no acesso aos alimentos, principalmente para os setores mais pobres. Os autores argumentam que essa situação se tornou crítica para países que importam mais de 50% dos alimentos consumidos por suas populações, ou ainda para cidades com mais de 5 milhões de habitantes que, para alimentar seus cidadãos, precisam importar não menos que 2.000 toneladas de alimentos por dia, percorrendo uma média de 1.000 quilômetros. Para eles isso caracteriza um sistema alimentar altamente insustentável, facilmente perturbado por distúrbios externos, como desastres naturais ou uma pandemia.

No Canadá e EUA, o medo de escassez de alimentos e de *lockdown* desencadeou algumas compras de pânico em supermercados, colocando as preocupações com a segurança alimentar em evidência. O sistema agroalimentar se viu em risco devido às cadeias de abastecimento relativamente longas e com numerosos intermediários que promoveram atrasos no tempo de entrega dos alimentos. Essa estrutura de distribuição foi moldada para a competitividade e critérios de eficiência, mas apresentou pontos de vulnerabilidade durante essa crise da Covid-19 (Mussell *et al.*, 2020).

Em seu estudo sobre as ações públicas emergenciais para abastecimento de alimentos no contexto da pandemia de coronavírus, Valadares *et al.* (2020) concluíram que as cadeias longas de produção e distribuição de alimentos, caracterizadas por um elevado número de intermediários entre o produtor e o consumidor final e que percorrem grandes distâncias entre os espaços de produção e os de consumo, são muito suscetíveis a ocorrência de um colapso em um ou mais elos de sua cadeia, sujeitando cidades inteiras ao desabastecimento alimentar. Segundo os autores, políticas públicas que privilegiam CCC baseados no consumo de alimentos produzidos localmente, apresentam-se como iniciativas estratégicas mais eficientes para garantir a oferta de alimentos nas cidades, sobretudo entre as camadas populacionais em situação de vulnerabilidade social.

4 Considerações Finais

Os circuitos curtos de comercialização demonstram ser uma alternativa viável para garantir a sustentabilidade ambiental, social e econômica dos sistemas agroalimentares contemporâneos. Ao fortalecerem os vínculos entre produtores e consumidores, promovem uma maior proximidade entre o campo e a cidade e relações de comercialização mais resilientes, justas e éticas.

Durante a pandemia da Covid-19 ficaram mais evidentes as vulnerabilidades das cadeias longas de produção e distribuição de alimentos, verificando-se a necessidade de desenvolver-se novos modelos de comercialização que garantam segurança alimentar para a população em momentos de crise.



A Agroecologia, entendida como uma ciência, uma práxis e um movimento social, se propõe a encontrar soluções para esses diferentes desafios que a crise mundial provocada pelo novo coronavírus desencadeou, enfatizando os circuitos curtos de comercialização como modelos sustentáveis de distribuição de alimentos que merecem cada vez mais o apoio de políticas públicas para a sua promoção e fortalecimento.

Referências

- Altieri, M. A. (2010). Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. *Revista Nera. Presidente Prudente*, n. 16, p. 22-32. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1362/1347>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- Altieri, M. A.; Nicholls, C. I. (2020). *La Agroecología en tiempos del COVID-19*. Centro Latinoamericano de Investigaciones Agroecológicas (CELIA), University Of California, Berkeley, 2020. Disponível em: <http://celia.agroeco.org/wp-content/uploads/2020/05/ultima-CELIA-Agroecologia-COVID19-19Mar20-1.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- Costa, M. B. B.N(2017). *Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas*. São Paulo: Expressão Popular, 141 p.
- Dannenber, P.; *Et al.* (2020). Digital transition by COVID-19 pandemic? The German food online retail. *Tijdschrift voor economische en sociale geografie*, v. 111, n. 3, p. 543-560.
- Darolt, M. R.; *Et al.* (2013). A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. *Revista Agriculturas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 8-13, jun.
- Gliessman, S. (2020). Confronting Covid-19 with agroecology. *Agroecology and sustainable food systems*, v. 44, n. 9, p. 1115–1117.
- Globo Rural. (2020). Venda de orgânicos cresce na pandemia com produtores apostando em novas formas de negociação. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2020/05/17/venda-de-organicos-cresce-na-pandemia-com-produtores-apostando-em-novas-formas-de-negociacao.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- Guzmán, E. S.; *Et al.* (2012). *Canales cortos de comercialización alimentaria en Andalucía*. Andalucía: Centro de Estudios Andaluces, Consejería de La Presidencia e Igualdad, 2012. 164 p.
- Marconi, M. A.Lakatos, E. M. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
- Marsden, T. *Et al.*(2000). *Food Supply Chain Approaches: exploring their role in rural development*. *Sociologia Ruralis*, [s.l], v. 40, n. 4, p. 424-438.
- Mussell, A. *Et al.* (2020). *Agri-food supply chains and Covid-19: Balancing resilience and vulnerability*.



Agri-Food Economic Systems, p. 1-6.

OMS, Organização Mundial da Saúde. (2021). Conselhos sobre doença coronavírus (COVID-19) para o público. Disponível em: <https://www.who.int/pt/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>. Acesso em: 07 de jul. de 2021.

OTA - Organic Trade Association. (2020). Organic Industry Survey. Disponível em: <https://ota.com/market-analysis/organic-industry-survey/organic-industry-survey>. Acesso em: 07 jul. 2021.

Portal do agronegócio. (2020). Consumo de alimentos orgânicos cresce mais de 50% no Brasil do Agronegócio. Disponível em: <https://www.portaldoagronegocio.com.br/ecologia/organico/noticias/consumo-de-alimentos-organicos-cresce-mais-de-50-no-brasil>. Acesso em: 07 jul. 2021.

Redclift, M.; Goodman, D. (1991). The machinery of hunger: the crisis of latin american food systems. In: Goodman, D.; Redclift, M. Environment and Development in Latin America: the politics of sustainability. Manchester: Manchester University Press. p. 182.

Roberts, P. (2009). O Fim dos Alimentos. Tradução: Ana Gibson. Rio de Janeiro: Elsevier.

Souza, A. B.; *Et al.* (2020). Sistemas agroalimentares locais: possibilidades de novas conexões de mercados para a agricultura familiar. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 23, p. 1-20.

Valadares, A. A. *Et al.* (2020). Agricultura familiar e abastecimento alimentar no contexto do Covid-19: uma abordagem das ações públicas emergenciais. (Nota Técnica, n. 69) Brasília: Ipea. Viegas, M.T. (2016). Agroecologia e circuitos curtos de comercialização num contexto de convencionalização da agricultura orgânica. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós- graduação em Agroecossistemas, UFSC, Florianópolis.